

Cada torcida no seu bar

Vascaínos, rubro-negros, tricolores e botafoguenses têm seu próprio reduto para festejar vitórias e chorar fracassos

Roberto Fonseca
Especial para o **Correio**

“Domingo, eu vou ao Maracanã, ver o time que sou fã, vou levar foguetes e bandeiras, não vai ser de brincadeira, ele vai ser campeão...”. O samba de Negoinho da Beija-Flor é um dos preferidos das torcidas cariocas. Em Brasília, a paixão pelos grandes times do Rio de Janeiro é semelhante. Todos sofrem e comemoram da mesma maneira. Só que em vez de ir ao estádio, eles vão para o bar do coração. Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo já têm seus redutos na cidade.

Quem espera encontrar confusão ou brigas nesses ambientes está muito enganado. Os donos dos bares e os próprios torcedores não admitem nenhum sinal de violência. A paz é a palavra de ordem. Regados a cerveja, os fanáticos por futebol só querem saber de festa. Conversam sobre tudo. Das seguidas contusões de Ronalzinho até os gols de Romário.

Considerado o bar dos botafoguenses de Brasília, o Só Drink's, na 403 Norte, é o mais antigo de todos. No dia 21 de junho de 1989, Flamengo e Botafogo disputavam a final do Campeonato Carioca. O time alvinegro havia 21 anos que não ganhava um título, desde o longínquo 1968. Nessa data, um grupo de amantes da estrela solitária se reuniu no boteco para assistir ao jogo.

Aos 12 (21 ao contrário) minutos do segundo tempo, num contra-ataque rápido surgiu o gol preto-e-branco. Mazolinha cruzou para o atacante Maurício que completou para o fundo das redes. Era o gol do título. O fim do pesadelo. O bar ganhou a fama de pé-queente. E a família botafoguense o adotou como o local ideal para acompanhar as partidas do time. Mais uma vez a superstição acompanha o futebol.

Newton Novato da Costa, 39 anos, proprietário do Só Drink's, é torcedor do Botafogo. Ele lembra de quase tudo daquela noite: “Vieram pessoas de quase todos os locais. A quadra ficou cheia. Todo mundo comemorando”. Desde então, o movimento do bar só aumenta. Nos dias de jogos, mais de 100 pessoas comparecem para torcer pelo *Fogão*.

PAIXÃO ALVINEGRA

A frequência de torcedores é tão grande que deu origem a uma torcida: a Paixão Alvinegra. “Somos todos apaixonados e não existe nada mais justo do que nos organizarmos”, fala Newton da Costa. O roteirista Milton Machado, 27 anos, não está filiado ainda, mas pensa em aderir ao grupo: “É uma boa idéia. Só precisamos conviver em paz com os outros torcedores”, enfatiza ele.

Os admiradores da colônia portuguesa também têm o seu point. Classificado como o time do momento, o Vasco da Gama — de Edmundo, Romário & cia — leva uma legião para o Sossega Madalena, na 413 Sul. A torcida

organizada Força Jovem, 22ª família (os vascaínos organizam-se em famílias), comparece com instrumentos, bandeiras, faixas e demais apetrechos. Dependendo do jogo, o bar parece uma continuação de São Januário ou do Maracanã.

Os gritos de “Arrá!Urrú! o Sossega é nosso” e “Dá-lhe, Dá-lhe, Dá-lhe meu Vascão” tomam conta do ambiente. Os funcionários reconhecem que os vascaínos são bem-vindos. “Eles não são chatos como um certa torcida. Como meu time há muito tempo não me dá alegria, fico feliz por receber uma torcida tão divertida”, conta Mauro Borba, 37 anos, dono do bar e torcedor do Fluminense.

Max Araújo, 40 anos, é o presidente da Força Jovem no DF. Segundo ele, o bom atendimento foi fundamental na hora de adotar o Sossega como parte da torcida bacalhau. Há dois anos, um grupo de, no mínimo, 40 pessoas se reúne para assistir aos jogos do Gigante da Colina. A telefonista Gisele Ferreira, 21 anos, gosta de ver as partidas do Vasco em casa e depois ir comemorar: “Vai que o time perde. Além gastar dinheiro, vou dormir de cabeça quente”.

ESCUDO TRICOLOR

Nesta semana, o Sossega Madalena vai inaugurar um escudo do Fluminense de um metro de altura. De acordo com Mauro Borba, vai servir para dar identidade ao estabelecimento. “Muitos donos de bares mudam de time para atrair determinada torcida. Sou fluzão e não escondo isso”, fala ele.

O bar têm uma filial no Paraná. Lá os torcedores são proibidos de entrar com camisas de clubes. “A rivalidade é muito grande entre Curitiba e Atlético-PR. Faço isso para evitar confusão. Só em Brasília que as torcidas convivem em paz”, explica Mauro Borba.

O rubro-negro carioca é o time mais popular do DF. O Bar do Professor, na 305 Sul, e o Terapia, na 305 Norte, são os escolhidos da torcida do Flamengo. Quando tem jogo, eles ficam lotados. Para não assistir em pé, muitas vezes é preciso reservar lugar. “Isso mostra a força dessa verdadeira nação”, explica Fábio Amorim, 25 anos, programador de páginas para a Internet.

Os irmãos Jesus Habib, 42 anos, e Fernando Atem Martins, 44 anos, são flamenguistas e donos do Bar do Professor.

Paulo de Araújo 11.1.00



Vascaínos em festa no Sossega Madalena, cena cada vez mais comum

Edson Gês



Torcida do Flamengo, a maior do DF, costuma lotar o Bar do Professor (305 Sul) e o Terapia (305 Norte)

POINT DAS GALERAS



Botafogo
Só Drink's - 403 Norte
Torcida Paixão
Alvinegra



Fluminense
Simpsons - 307 Sul
Torcida Young Flu



Flamengo
Bar do Professor- 305 Sul
Terapia - 305 Norte
Torcidas Raça Rubro-Negra e Jovem Fala



Vasco da Gama
Sossega Madalena - 413 Sul
Torcida Força Jovem

Eles são favoráveis a essa setorização das torcidas. “É bom porque um grupo que torce para um só time é mais comportado. Isso evita discussões dentro do estabelecimento”, diz Jesus Habib. “Quando outra torcida vem assistir ao jogo aqui, temos três regrinhas básicas: nada de briga, palavrão e respeito ao outro grupo”, conta Fernando Martins.

O professor de Inglês Jorge André Pires Nunes, 30 anos, é frequentador assíduo do bar. Presidente da torcida organizada Raça Rubro-Negra, ele leva mulher e filha para assistir aos jogos. “Procuramos trazer coisas inéditas. Criamos músicas, confecciona-

mos bandeiras sempre com o intuito de descontrair todo mundo”, ressalta ele.

PRAIA RUBRO-NEGRA

Um placa no Bar do Professor delimita bem o local. Com os dizeres “Praia do Flamengo”, todos sabem quem predomina ali. “Foi um presente de um sócio benemérito do Mengão que doou para nós. Decidimos afixá-la para marcar presença”, explica Ricardo Vidal Prieto, 23 anos, estudante.

Ao contrário de Botafogo, Vasco e Flamengo, a torcida do Fluminense ainda não possui um ponto fixo. No ano passado, durante a disputa da série C do Campeonato Brasileiro, a torci-

da *pó-de-arroz* dividia o Bar do Professor com a torcida rubro-negra. Para evitar futuros conflitos, eles decidiram — há menos de um mês — ir para o Simpsons, na 307 Sul.

Apesar do pouco tempo, a presença da torcida está boa. O tricolor Roberto Anhezini, 29 anos, proprietário do Simpsons, espera que o número de torcedores aumente: “A cada jogo de 80 a 100 pessoas vêm aqui. Considero um grupo pequeno, que pode crescer bastante. Afinal temos a capacidade de atender 400 pessoas”.

O representante da Young Flu no DF, Bruno da Silva Ferreira, 24 anos, admite que estão um pouco atrasados. Segundo o estudante, a torcida não leva faixas, cartazes e bandeiras para evitar confusão. “Gosto de assistir aos jogos. Ao contrário de outras torcidas”, fala ele.

O Maracanã vai estar cheio hoje. É dia de Fla-Flu. Tricolores e rubro-negros vão para os bares da cidade. Os 1.200 km que separam Brasília do Rio de Janeiro não diminuem o entusiasmo da galeria. Sentados nas cadeiras, eles aguardam o início do espetáculo. Vai ter cerveja, mulher e futebol: o trio de ouro do brasileiro.

Edson Gês 15.12.99



Tricolores, que dividiam bar com flamenguistas, agora têm seu point